



Uma reflexão teórico-metodológica a partir de uma experiência de pesquisa sobre o *cyberbullying*¹

Luis Gustavo Varela²

Maria Elisa Máximo³

RESUMO

Esta reflexão pretende aprofundar uma discussão iniciada ainda no 2º grau, período acadêmico no qual pesquisei e tive meu primeiro contato com a temática do *cyberbullying*. O fenômeno é caracterizado como a violência moral promovida por meio dos dispositivos tecnológicos. Quero refletir o método exploratório de um tipo de fenômeno da interação social que desponta no ciberespaço, ambiente no qual uma sociedade aparenta se organizar. A escassa literatura sobre o tema me impulsionou a buscar referências em pensadores como Gerg Simmel, Anthony Giddens e Michel Maffesoli. Isso me permitiu entender o *cyberbullying* como um fenômeno da comunicação e da sociabilidade virtual. Analiso uma nova perspectiva teórico-metodológica específica para compreender esse fenômeno, o qual é definido como “violência”, mas que pode ser uma relação social constitutiva das identidades dos sujeitos, grupos e sociedade contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE

Cyberbullying. Interações sociais. Sociedade contemporânea.

¹ Artigo apresentado no Intercom Júnior, especificamente na subárea Estudos Interdisciplinares da Comunicação, no âmbito do XIII Congresso De Ciências da Comunicação na Região Sul (IntercomSul) realizado entre 31 de maio e 2 de junho de 2012, na UnoChapecó (Chapecó/SC).

² Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus Ielusc, email: luis.gust.vrl@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo do Bom Jesus Ielusc, email: elisamaximo@gmail.com



Introdução

O presente artigo pretende dar continuidade a uma pesquisa iniciada ainda em 2009, quando eu cursava o ensino médio no Instituto Federal Catarinense (IFC). Desdobrando-se de uma pesquisa anterior sobre o *bullying*⁴, a pesquisa sobre o *cyberbullying* foi sistematizada na forma de um artigo apresentado na Mostra Científica e Tecnológica do IFC naquele mesmo ano⁵.

Na época, a mudança de foco para o *cyberbullying* significou uma mudança de linha de pesquisa, da Educação e Cultura para a Informática, adequando a pesquisa ao contexto do curso técnico onde eu fazia minha formação, Sistemas de Informação. Deste modo, o tema do *bullying* passou a ser explorado no cenário constituído pelas plataformas digitais, nos espaços criados pelas modalidades de comunicação mediada por computador (CMC). Como resultado deste empreendimento de pesquisa, realizado por uma equipe de pesquisadores⁶, o artigo “*Cyberbullying: o despertar para uma nova violência*” foi publicado nos anais da Mostra Científica e Tecnológica (IFC, 2009).

Hoje, já cursando o curso de graduação, percebo a importância de ter vivenciado a experiência da iniciação científica ainda no ensino médio, o que determinou significativamente minha entrada no ensino superior. Logo na primeira fase do curso de Jornalismo, candidatei-me para integrar a equipe do Necom (Núcleo de Estudos em Comunicação) da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, na condição de pesquisador voluntário⁷. E fiz isto com a intenção de dar continuidade e profundidade à minha primeira experiência de iniciação científica. Como integrante da equipe do Necom, tive a oportunidade de participar de discussões teóricas no campo da comunicação; de colaborar na organização de eventos científicos⁸; de participar da edição de periódicos científicos⁹ e, finalmente, de apresentar a pesquisa realizada no ensino médio no III Encontro Discente da Rede Amlat, realizado em outubro de 2011¹⁰.

⁴ *Bullying*: uma questão (in)visível no CASCGO. Apresentado na MCT do CASCGO 2008 e na III MICTI do Colégio Agrícola de Camboriú (CAC/UFSC).

⁵ Em 2010, como um desdobramento da área de humanas, o grupo formado por Luis Gustavo Varela, Anderson Felipe Meurer e Gabriel Jurask realizou o projeto “Adequando a acessibilidade ao ambiente virtual” que foi apresentado na MCT 2010 do IFC-Araquari e na IV MICTI do IFC - Campus Concórdia.

⁶ O grupo era composto por Luis Gustavo Varela, Ruth Bianchini e William Brunner. Orientado pelo Prof. Msc. Rafael de Moura Speroni e Prof. Dra. Joice Seleme Mota

⁷ Estava impedido de concorrer às bolsas de estudo para o núcleo uma vez que ingressei no ensino superior como bolsista do PROUNI, com bolsa integral.

⁸ 3º Encontro Discente da Rede Amlat (Rede temática: comunicação, cidadania, educação e integração na América Latina) de 20 a 22 de out/2011 – Bom Jesus Ielusc (Joinville, SC). V Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura de 16 a 18 de nov/2011 – UFSC (Florianópolis, SC)

⁹ Revista Rastros (ISSN 1517-9524) Edição 14 (maio de 2011) e 15 (dezembro de 2011).

¹⁰ Uma versão inicial deste artigo foi apresentada em uma das mesas temáticas de discussão na Rede Amlat. A Rede foi criada em 2009, a partir do Edital Prosul/CNPq, sob coordenação do PPGCOM da Unisinos e, particularmente, do Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado. Integram a rede 8 instituições latino-americanas: o Centro de Estudos



A oportunidade de colocar em discussão minha experiência de pesquisa acerca do *cyberbullying* serviu de estímulo para que eu aprofundasse minha reflexão sobre o tema e, sobretudo, do próprio processo de realização da pesquisa.

Neste contexto, o presente artigo resulta de uma tentativa de renovação da discussão sobre *cyberbullying*, através da qual procuro relativizar a perspectiva quantitativa que marcou a pesquisa anterior, buscando alcançar a materialidade vivencial deste tema, através de uma abordagem qualitativa, apoiada no viés sociológico, antropológico e comunicacional. Para tanto, este artigo se propõe a refletir sobre a metodologia de pesquisa sobre o *cyberbullying*, propondo uma revisão crítica dos métodos outrora utilizados e visando novas possibilidades de investigação, levando em consideração os dilemas éticos implicados neste tipo de pesquisa. Isto deve estar, por fim, apoiado numa revisão bibliográfica que permita discutir o tema da pesquisa no âmbito do campo da comunicação, considerando-se que, neste campo, as pesquisas sobre *cyberbullying* ainda são raras.

***Cyberbullying*: revisão teórica de um conceito em construção**

O avanço da Tecnologia de Informação e Comunicação (chamada TIC) e o seu acesso cada vez mais facilitado permitiu, como lembra Ribeiro *et al.* (2011), que o uso das tecnologias comunicacionais tivesse crescimento expressivo em empresas e na sociedade em geral, criando-se aí um novo espaço interacional. Neste processo, multiplicaram-se as formas de uso e de apropriação das modalidades de comunicação mediada por computador, cujos efeitos sobre as interações e redes sociais são os mais variados. O *cyberbullying* está entre os fenômenos engendrados na interação social estabelecida nos espaços propiciados pelas tecnologias comunicacionais.

Em termos gerais, o *cyberbullying* tem sido tratado pela comunidade científica como agressão moral praticada por um ou mais atores sociais, causando danos a uma ou mais pessoas, por meio de dispositivos de comunicação eletrônica/digital como ligações telefônicas, mensagens de texto (SMS), e-mails, bate papos na internet (MSN, *chats*, Google Talk), redes sociais (Facebook, Orkut, MySpace), fóruns, blogs, dentre outros. De acordo com Cristina Novo (2009), pode ser considerado *cyberbullying* todas as ações de agressão intencionais e repetidas. São atos provocados por terceiros para

Avançados da Universidade Nacional de Córdoba; o CEPAP da Universidade Experimental Simon Rodriguez da Venezuela; a FALCSO da Universidade Central do Equador; o Dep. de Comunicação da UFPB; o Dep. De Comunicação da UFRN, o Necom do Ielusc que, neste caso, figura em parceria com o GrupCiber da UFSC; além do PPGCOM da Unisinos. O terceiro e último Encontro Discente da Rede Amlat foi organizado pelo Necom/Ielusc em 2011.



molestar, humilhar, ameaçar, provocar ou assediar um sujeito utilizando-se, para isso, os recursos tecnológicos. Os tipos de ações manifestam-se de variadas formas, como a publicação irresponsável de imagens, informações pessoais, calúnias, produção de vídeos reveladores e comprometedores. Por se tratar de dispositivos que permitem a invenção de perfis falsos e pseudônimos¹¹, o fenômeno não é praticado, exclusivamente, por adolescentes como no caso do *bullying*. Mas, pode-se afirmar que são espaços privilegiadamente explorados por jovens (NOVO, 2009; AMADO *et al.*, 2009).

Por um lado, podemos afirmar que o *cyberbullying* é um desdobramento do fenômeno *bullying*, tratado principalmente como a agressão (moral e física), intimidação, maus tratos, abusos que ocorrem face a face, em ambiente escolar e entre alunos, quando os professores ou pais não estão por perto. As TIC, ambiente considerado mais acessado por jovens adolescentes, contribuem para a ampliação deste fenômeno. Por outro lado, não necessariamente toda a ação de *cyberbullying* deriva de uma ação de *bullying*.

Conforme Ventura (2011), são três os principais motivos que diferenciam o *cyberbullying* do *bullying* convencional: i) O ambiente virtual é um contexto onde as interações podem ocorrer facilmente tanto por pares conhecidos como por estranhos. Sendo assim, a agressão pode partir de qualquer sujeito, em qualquer lugar, “pode ser o vizinho do lado, o colega de carteira ou alguém que nem sequer nos conhece.”; ii) pode perseguir a vítima por qualquer lado e em qualquer momento; iii) a divulgação da agressão é instantânea e tem a capacidade de criar e aumentar sua audiência. Todas essas particularidades do *cyberbullying* dificultam a elaboração de perfis de vítimas e agressores. Afinal, o agressor, neste contexto, nem sempre será o mais fraco, o mais frágil ou o mais novo. Não é mais a fragilidade física ou de personalidade o aspecto determinante para ser alvo de *bullying*. No contexto da Internet, estão implicadas questões relativas às competências, saberes e domínio das próprias tecnologias. Estão alteradas aí as regras do “jogo” (AMADO *et al.*, 2009; VARELA *et al.*, 2009; VENTURA, 2011).

¹¹ O recurso do anonimato, em tese, amplia as possibilidades para os praticantes do *bullying* que podem “falsear”, “escamotear” e “criar” identidades que transcendem barreiras geracionais. Por exemplo, alguém que tenha 50 anos pode, com certa facilidade, participar de um chat assumindo o perfil de um jovem de 15 anos e, desta posição, praticar *bullying* assediando ou constringendo outros jovens. O inverso também é possível: um jovem de 15 anos pode assumir o perfil de alguém mais velho e participar de determinados espaços com o objetivo de disseminar o preconceito e praticar agressões morais a respeito de aspectos como raça, orientação sexual, gênero, diferenças geracionais.



Destaca-se, aqui, a dissertação de mestrado de Luzia Pinheiro (2009), intitulada “*Cyberbullying* em Portugal: uma perspectiva sociológica”. Em sua pesquisa, Pinheiro argumenta que o *cyberbullying* surge antes mesmo da disseminação das TIC.

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o *cyberbullying*, que é o *bullying* feito com o auxílio das novas tecnologias, não começou com o telemóvel e muito menos com a Internet. Simplesmente o *cyberbullying* actualmente é praticado com recurso a estes meios. De algumas conversas informais que tive, pude constatar que o *cyberbullying* começou com o uso da simples fotocopiadora. Isto porque, na altura, era a ferramenta que os adolescentes tinham ao seu dispor com maior facilidade, sendo usada para distribuir fotografias e textos relativos a alguém, com o intuito de o humilhar (PINHEIRO, 2009, p. 35).

Para além da fotocopiadora, a ampliação das linhas telefônicas abriu caminhos para as chamadas anônimas, especificamente aquelas voltadas ao insulto, ao trote. Hoje, estas possibilidades se multiplicam com a popularização dos telefones celulares, ao alcance de todos nós e, principalmente, dos adolescentes e jovens. Assim, práticas agressivas ou ofensivas podem dispor das mensagens de texto, das fotografias, dos vídeos, dentre outros recursos disponíveis no contexto de convergência digital.

Dentre as práticas mais simples e corriqueiras, está a criação de páginas ou perfis “falsos” na Internet e nas chamadas “redes sociais”, para a publicação de fotos da “vítima” tiradas com telefones celulares. Estas fotos trazem, supostamente, imagens comprometedoras, reveladoras ou, simplesmente, humilhantes para a vítima, na medida em que a colocam numa situação de constrangimento. Num estágio mais sofisticado destas práticas, e mais grave talvez, está a filmagem de situações de agressão e sua posterior publicação em canais de vídeos online, como o Youtube¹². Nestes casos, a publicação da agressão opera como um troféu para o agressor, pois um dos sentidos atrelados a este tipo de prática agressora é, justamente, que ela se torne pública. Segundo Pinheiro (2009, p. 36), a isto se dá o nome de *happy slap*.

Podemos sintetizar, então, o *cyberbullying* por meio da tipologia proposta por e Pinheiro (2009), considerando três níveis de *cyberbullying*. O primeiro nível recorre apenas ao uso da Internet; o segundo nível faz do *cyberbullying* um prolongamento do *bullying*, ampliando as suas consequências; o terceiro nível surge quando se recorre ao *bullying* e a outras formas de agressão para concretizar o *cyberbullying*, como o *happy slap* (Pinheiro, 2009 *apud* Amado *et al.*, 2009). Além disso, por meio das tecnologias de comunicação o agressor não presencia de forma imediata os resultados de suas ações na

¹² Exclui-se, neste caso, os episódios em que situações de agressão são filmadas e publicadas com fins de denúncia



vítima, assim ele não enxerga as consequências de seus atos, o que minimiza qualquer tipo de remorso ou culpa para com a vítima. Desta forma, um diálogo censurável poderia ser mais propenso em ocorrer virtualmente do que presencialmente (Morais, s/d).

Finalmente, a análise deste fenômeno parece ter mais implicações e variáveis do que sugerem estas definições generalizantes, principalmente se considerarmos que em cada espaço de interação criado nas redes digitais poderemos encontrar padrões e códigos comunicacionais próprios construídos no processo interacional. Neste sentido, apenas uma análise contextual de cada situação interativa poderia nos permitir um visionamento detalhado dos fenômenos que emergem dessas interações.

Notas sobre uma pesquisa inicial

O Instituto Federal Catarinense (Campus Araquari), onde a pesquisa aqui referida foi realizada, já oferecia, em 2009, acesso generalizado aos equipamentos e serviços informáticos/digitais. Isto quer dizer que a grande maioria dos membros da comunidade escolar já possuía e utilizava, para fins pessoais ou de trabalho, as plataformas online de redes sociais, blogs, fóruns de discussão, serviços de mensagens instantâneas, além do email, por mais que fossem impostas restrições de acesso a alguns conteúdos. Deste modo, todos os usuários neste ambiente escolar estavam sujeitos ao chamado *cyberbullying*. A pesquisa buscou, então, identificar os dispositivos eletrônicos e ambientes digitais em que predominavam as agressões. A contrapartida social deste projeto seria, enfim, o de despertar a comunidade acadêmica para este “novo” fenômeno e para os problemas que ele encerra, oferecendo subsídios para a elaboração de métodos ou estratégias que pudessem contornar o “problema”.

Neste cenário, o campo da pesquisa abrangeu 60 alunos, acreditando-se ser esta uma amostra significativa do total de 355 alunos matriculados, na época, no ensino médio técnico concomitante¹³ e pós-médio¹⁴. Do corpo docente, foram entrevistados 7 professores, representando os 43 profissionais atuantes naquela instituição. Com relação ao corpo de técnico-administrativo, 11 sujeitos participaram da pesquisa, representando os 67 profissionais contratados naquele momento.

Primeiramente, um questionário contendo 14 questões sobre a utilização de ferramentas de comunicação digital foi aplicado à amostra de 78 sujeitos, que

¹³ Termo que caracteriza o ensino do curso técnico em paralelo com o ensino médio.

¹⁴ Termo que caracteriza o ensino do curso técnico após a conclusão do ensino médio.



representavam o total de 465 sujeitos entre discentes, docentes e pessoal técnico-administrativo. Este questionário permitiu traçar o que, na época, denominamos como um perfil dos usuários em relação ao acesso e uso das ferramentas de comunicação disponíveis na internet. Destacam-se os seguintes pontos levantados pela sistematização das respostas ao questionário:

- A maioria dos usuários disse sentir-se seguro na utilização destas tecnologias, uma vez que o acesso a elas é amplo e diário;
- No entanto, a maioria também apontou para a impessoalidade como marca da comunicação via tecnologias digitais. Diante disto, muitos disseram não se sentir plenamente a vontade em utilizá-las para a interação diária;
- A maioria dos questionados assumiram divulgar seus dados pessoais em páginas da internet, embora reconheçam os riscos implicados nesta prática;
- Quase 50% dos questionados admitiu já ter se sentido constrangido ao presenciar brincadeiras de “mau gosto” na utilização destas ferramentas;
- 9% afirmou que cometeu brincadeiras de mau gosto. Estes sujeitos foram definidos, no escopo da pesquisa, como sendo os praticantes de *cyberbullying*. No entanto, estes mesmos indivíduos também afirmam, na maioria, que já se sentiram constrangidos no uso destas ferramentas e que todos foram alvo de brincadeiras de mau gosto;
- Na amostra analisada, os autores praticantes de *cyberbullying* são em sua maioria do sexo masculino, com idades entre 14 e 19 anos, tendo uma média de contato diário com o computador de 1 a 2 horas, utilizando de serviços da web como email, mensagem instantânea, rede social e blog.

Um dos objetivos da pesquisa era propor a utilização de estratégias que auxiliassem no combate e prevenção da prática do *cyberbullying*. Desta forma, com base nestes pontos destacados e na identificação das plataformas e dispositivos mais utilizados pelos sujeitos questionados, desenvolveu-se um blog¹⁵ relativo ao tema, visando criar um espaço para discussão e divulgação de temas relacionados ao assunto. No entanto, o instrumento utilizado para a coleta de dados foi, certamente, insuficiente para o aprofundamento das análises e, neste artigo, pretendo fazer uma reflexão crítica

¹⁵ Blog ‘AntiCyberbullying’ <<http://cyberpesquisa.wordpress.com>>. Última atualização: novembro de 2009



sobre a metodologia de pesquisa utilizada em minha primeira experiência de iniciação científica, visando o subsequente aprofundamento de meus estudos sobre o tema.

Por um lado, o questionário nos permitiu levantar aspectos relativos ao “padrão” de uso das tecnologias digitais pela população estudada, à compreensão dos riscos de se expor nos ambientes digitais, além de identificar pequenos indícios da prática do *cyberbullying*. Por outro lado, os dados levantados na aplicação do questionário são tão estanques que não nos permitiram explorar o tema analiticamente, vislumbrando possibilidades interpretativas para o fenômeno do *cyberbullying* naquele contexto escolar.

Como o tema era, naquele momento, desconhecido pela maioria dos sujeitos da pesquisa, o questionário precisou ser elaborado de um modo que os questionados pudessem entender sobre o que estávamos realmente falando. Então, ao invés de dizer abertamente de que se tratava de uma investigação sobre *cyberbullying*, nos referíamos sempre às características, usando expressões como “brincadeira de mau gosto”, “constrangimento”, “xingamento”, “desentendimento”. Com isso, nossa intenção era a de identificar até que ponto havia conhecimento sobre o tema por parte da população alvo da pesquisa. De algum modo, desejávamos implantar o debate sobre o tema no IFC que, na época, ainda se mostrava como uma instituição bastante “conservadora” e resistente ao debate sobre certas questões.

No entanto, nos sobravam dúvidas sobre até que ponto era válido o “direcionamento” de um instrumento de pesquisa para obter os dados desejados. Quais as implicações éticas disto? Se falássemos diretamente em *cyberbullying*, teríamos os mesmos dados? Sendo o sujeito questionado uma vítima, ele nos responderia francamente ou ocultaria as situações vivenciadas? E sendo um agressor, ele confessaria ter praticado *cyberbullying*? Estávamos, naquele momento, presos à busca por uma “verdade” sobre as situações vivenciadas naquele contexto; desejávamos alcançar a “realidade” dos acontecimentos. E acreditamos que, para isto, não poderíamos ser diretos; questionamos sobre o *cyberbullying* sem falar em *cyberbullying*, temendo que o uso do termo afastasse os sujeitos da pesquisa dos nossos propósitos.

Hoje, ao buscar perspectivas teórico-metodológicas que me permitam rever criticamente o processo desta primeira pesquisa, percebo que o instrumento foi insuficiente também porque foi mal elaborado. O uso da expressão da brincadeira de mal gosto não alcança a dimensão da complexidade do *cyberbullying*.



Isso nos permite avaliar que a aplicação de um questionário com “respostas prontas”, que oferece alternativas inválidas e que, muitas vezes, não contemplam os contextos nos quais os sujeitos estão inseridos seja confusa para os respondentes e eles, obrigatoriamente, têm que optar por uma alternativa. O instrumento metodológico de questionário (ficha de questões) não oferece a profundidade exigida para compreender a dimensão do fenômeno.

A técnica de entrevista individual, recurso muito utilizado no jornalismo, aponta-se como um dos melhores métodos utilizados para alcançar as incongruências, os detalhes e nuances da experiência do entrevistado. Torna-se diferente, portanto, da aplicação de questionário, no qual o sujeito responde sozinho às questões. O desafio a partir de agora é o de alcançar a dimensão da pesquisa qualitativa e de uma abordagem compreensiva deste fenômeno. Para tanto, faz-se necessária uma nova revisão teórica, que permita inscrever o *cyberbullying* no contexto da sociedade contemporânea e que possibilite compreendê-lo como um fenômeno contextual, apartado de definições generalizantes.

Ensaando a crítica e construindo novas possibilidades de pesquisa

O fenômeno de *bullying* escolar é algo que já ocorre há muito tempo. Segundo Pinheiro, desde que há crianças no mundo. Porém, conforme ela escreve, sua ocorrência só foi percebida a partir do momento em que foi vista por Dan Olweus, professor da Universidade de Bergen (Noruega), não como algo natural ou típico do crescimento da criança/adolescente, mas sim como algo capaz de provocar o suicídio de jovens. Uma das questões que, neste momento, suscitam minhas reflexões é até que ponto o *bullying* (ou as práticas que o conceito encerra) é, realmente, uma “patologia”? Até que ponto as práticas comumente tratadas como *bullying* não poderiam ser tratadas como processos constitutivos da interação entre estes jovens e adolescentes, no âmbito dos conflitos e disputas inerentes aos processos de construção de identidades desta faixa etária?

As mesmas questões podem ser pensadas em relação ao *cyberbullying*, considerando-se ainda a centralidade que as mídias eletrônicas têm, hoje, na vida cotidiana dos jovens. O *cyberbullying* é considerado, portanto, o resultado da transposição das práticas de *bullying* para o ciberespaço, este universo constituído a partir das tecnologias da informação e da comunicação que possibilita múltiplas formas de interação. Estas interações que se estabelecem no ciberespaço nem sempre são harmônicas. A interação social que passa do convívio face a face para os ambientes



digitais, leva consigo as expressões, os sentimentos, as amizades, os relacionamentos, as agressões, os traumas, os medos, a raiva, a competição. Não se quer dizer com isso que esta passagem é direta, mas sim que, no universo, online as interações também são permeadas por conflitos, disputas e desarmonias.

Quero, com isso, problematizar as possibilidades de compreensão do fenômeno do *cyberbullying*. A complexidade de um fenômeno como este merece um olhar crítico, que lance mais dúvidas e questionamentos do que tentativas de “explicação”. Neste sentido, a leitura de Georg Simmel (1983) abre espaço para pensarmos o *ciberbullying* como um tipo específico de sociabilidade que pode operar na construção de interações e vínculos sociais.

Para Simmel, a sociabilidade é uma forma de sociação caracterizada pelo estar com o outro, para um outro, contra um outro, onde os conteúdos e interesses materiais são relegados a um segundo plano. Simmel (1983) afirma que a sociabilidade existe em seu estado mais puro quando pautada pela conversação. Uma experiência comum é explicitada por ele: “Na seriedade da vida, as pessoas conversam por causa de algum conteúdo que querem comunicar ou sobre o qual querem se entender, enquanto que numa reunião social, conversam por conversar”. Ou seja, a *forma* em que a interação ocorre, seja ela num boteco ou numa festa de aniversário, por exemplo, não depende mais de um *conteúdo* ou de um *objetivo* para que haja a interação social. Depende principalmente desse ambiente que possibilita aos sujeitos o sentimento e a experiência de *estar-junto*.

Em relação a isto, o indivíduo que provoca as mudanças de assunto e faz fluir os diálogos da interação, geralmente, tem a habilidade do *tato*, termo utilizado por Simmel (1983, p. 170) para definir o traquejo, a sensibilidade do sujeito para aquele tipo de interação. Essas noções parecem chaves para uma outra compreensão do *ciberbullying*.

O hábil com o *tato*, aquele que sabe sempre contar boas piadas, por exemplo, possui uma competência performática relativa à língua, ao uso da linguagem, à expressão corporal. O que permite a ele dramatizar uma história ou situação e torna-se importante, admirado por seu grupo no momento da interação, da conversa, naquele instante. Por isso mesmo, contar histórias, piadas e anedotas, embora seja muitas vezes um passatempo, quando não um atestado de pobreza intelectual, pode revelar toda a sutileza de *tato* que reflete os elementos de sociabilidade (SIMMEL, 1983).

A perspectiva de Simmel nos permite questionar até que ponto a prática do *bullying* ou do *cyberbullying* não exige do praticante este *tato*. É qualquer um que



pratica o *ciberbullying*? Pra quem ele pratica? Colocar alguém (uma vítima) em situação vexatória, constrangedora, ridicularizante, serve a que propósito? Não estaria este tipo de prática servindo para “legitimar” a competência, o *tato*, de alguém diante de um grupo social específico? Não se quer com isto, é claro, justificar práticas agressivas ou violentas. Trata-se, apenas, de tentar compreender os sentidos que estas práticas têm para quem as pratica e de que maneiras elas podem operar na construção de relações sociais bastante particulares.

Deste modo, o *cyberbullying* pode ser uma das vias de inserção ou legitimação de alguém num dado contexto social. Afinal, como nos ensina Simmel, o importante para figura tátil é interagir com aquele grupo. Para Silva (2011), o que consideramos como insignificante ou desnecessário, pode fortalecer as relações entre os indivíduos.

A prática do *cyberbullying* adentra, sob tal perspectiva, os processos de construção de identidades, essencialmente simbólicos e negociados nas interações sociais. Podemos dizer que o *cyberbullying* tem uma linguagem própria em cada contexto em que ele se estabelece. Trata-se de um fenômeno cuja arquitetura é pensada. As palavras, os xingamentos, a agressão é dramatizada para que tenha apelo para uma audiência. A audiência é o que importa. Quem pratica o *ciberbullying*, o pratica para ser visto; ele deseja a audiência. Na abordagem que estou sugerindo aqui, o sentido do *cyberbullying* pode estar mais na visibilidade que a prática pode gerar para uma determinada audiência, do que na agressão em si, na situação a qual se expõe à vítima. Da audiência, por sua vez, se espera que “aceite” o apelo, que ria, que xingue junto, que dê continuidade à situação culminando com o *happy slap* (“o final feliz do *bullying*”). Deste modo, o *cyberbullying* deixa de ser uma prática marcada pelo anonimato, como sugerem muitos autores. Sobre isto, Hermílio Santos argumenta que “embora as formas interativas mediadas pela internet pareçam ser propícias à tentativa de falsificação da identidade, seu sucesso é apenas parcial, uma vez que não é capaz de encobrir os elementos fundamentais caracterizadores da identidade, já que a interação no ciberespaço depende de uma habilidade bastante reveladora: a linguagem escrita”. (SANTOS, 2005, p. 45). Portanto, ainda que o autor das práticas esteja disfarçado sob um pseudônimo ou uma “falsa” identidade, ele é visto por um grupo mais ou menos delimitado que legitima sua prática e que compartilha com ele de um sistema de linguagem específico.

Com base em Maffesoli (1999), poderíamos então compreender o *ciberbullying* como um fenômeno de dimensões essencialmente estéticas, engendrado num contexto



(a vida urbana) marcado pelo hedonismo coletivo, em que tudo deve ser vivido e aproveitado imediatamente, na consciência do momento presente. O autor compara esse tempo ao período barroco, um período de subjetividades pré-modernas cujas marcas de civilidade e sociabilidade residiam na aparência e no imediatamente visível. Para Maffesoli, a ética da estética está condicionada à exposição, ao permitir ser visto pelo outro. Pois, como argumenta o autor, só compreendemos um estilo de vida ou uma época através do que ela nos permitiu e deixou ver.

Seguindo a proposta de Maffesoli, outros autores argumentam que as relações sociais contemporâneas estão significativamente atreladas à exposição do íntimo e do cotidiano, a novos regimes de visibilidade. Fernanda Bruno (2004) fala, neste sentido, da exposição de si ao olhar do outro. Conforme a autora, os cuidados com a aparência e a conquista do olhar do outro estão cada vez mais atrelados à constituição do eu como imagem. E é cada vez mais necessário para que os vínculos sociais se fortaleçam. “Não é por acaso que a cena comunicacional – da TV a Internet – torna-se palco da sociabilidade e da produção de subjetividades contemporâneas” (BRUNO, 2004).

Estes autores nos permitem, enfim, situar o fenômeno do *cyberbullying* no contexto da sociedade contemporânea, com todas as suas características, para além da presença indiscutível e determinante das tecnologias digitais. Para investigar o fenômeno do *cyberbullying* com base nestas abordagens, novos instrumentos metodológicos serão certamente necessários. Estou certo de que, agora, o importante é abandonar as definições generalistas e alcançar a materialidade vivencial das experiências relacionadas ao *cyberbullying*, tratando-o como um fenômeno contextual, cuja compreensão deve se dar em relação a cada contexto específico em que toma lugar.



Considerações Finais

Para encerrar essa primeira reflexão mais crítica sobre o fenômeno do *cyberbullying*, podemos pensar assim como Giddens (2002) que diz que “as consequências da modernidade”, atingiram até mesmo os sistemas mais abstratos e a transformação da intimidade. Observa-se que a vida privada é desinstitucionalizada e a vida pública é institucionalizada. Logo, a vida privada é vista como subjetiva e ultrapassada. “Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude” (GIDDENS, 2002, p. 36).

Convém observar que na sociedade em que vivemos existem leis, princípios e valores que devem ser respeitados para o bem comum. Entendo quando Amado *et al.* (2009) propõe, em seu artigo “*Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação*”, a elaboração do projeto “*CyberTraining: A Reserch-based Training Manual On Cyberbullying*”, que ele chama de manual de informação sobre o tema. Parece-me surgir aí, talvez, uma bibliografia básica. Um receituário que quer informar a um público de pais, professores e educadores, enfim, como lidar com o problema. Discordo, porém, quando se pensa o ser humano como um produto com manual de instruções. Esta ideia é complementada por Minayo & Delandes (1994) (*apud* Azevedo *et al.* 2011) ao defender que esses estudos subjetivos das relações humanas, os quais se estabelecem no âmbito de um espaço social complexo, permitirão, sempre, percepções ímpares. Ou seja, é complicado quantificar ou mesmo padronizar comportamentos ao analisar personalidades que se relacionam. Apropriadamente, Bonin (2006) coloca que não se faz ciência em comunicação com fórmulas redutoras. Com tudo isto, quero sugerir que o *cyberbullying* não seja entendido a partir de definições generalizantes, mas em relação a cada contexto social específico em que ele se manifesta.

Por isso, valendo-me da afirmativa de Cristina Novo (2009), quero compartilhar e deixar expresso que não é pelo barramento do acesso a determinados sítios, dispositivos ou meios tecnológicos, mesmo que estes sejam utilizados de forma negativa, que irá se compreender, muito menos resolver o “problema”. Assim como sua perspectiva, acredito que pela educação e formação é possível chegar a boas estratégias que resultem um bom aproveitamento das tecnologias de comunicação. Ora, barrar, rastrear, utilizar de mecanismos de filtragem e bloqueio de telefones, é utilizar das mesmas atitudes de um *cyberbully* (o “agressor”, provocador das práticas de *cyberbullying*), permitindo continuidade ao ciclo do fenômeno.



Quis-se, aqui, desconstruir definições, já estabelecidas sobre o *cyberbullying*, que não permitiam aos sujeitos enxergar a chamada “violência” por outros ângulos. Reconhecer o *bullying* convencional ou o *cyberbullying* – que se apropria do ciberespaço e potencializa a interação – como uma consequência da modernidade, como um modo de conviver humano contemporâneo, uma forma de interação humana do estar-junto e da sociabilidade é dar a chance de compreender, a partir de uma perspectiva de cunho sociológico, o “organismo vivo” que é o *cyberbullying*, pois ele se transforma, tem uma história, se modifica de acordo com o contexto e as situações e, de modo, que não pode ser desenhado ou, como querem alguns, desvendado por definições limitadas.

Referências bibliográficas

AMADO, João; *et al.* **Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação.** In: Interações, n. 13, p. 201-326 (2009). Disponível em <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/360/1/>>. Acesso em 25 de mar. 2012

AZEVEDO, Carolina Valença, *et al.* **Cyberbullying – Agressão digital na rede: por quais ‘orkunstâncias’ andam a amorosidade e o respeito na educação?** In: Poíesis Pedagógica – v. 9, n. 2. Ago/dez.2011; pp.120-139. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/poiesis/article/view/17305>>. Acesso em 30 de mar. 2012

BONIN, Jeane. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experimentada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy; et al. **Metodologias de pesquisa e comunicação: olhares, trilhas e processos.** Porto Alegre. Sulina, 2006, p. 30-60

BRAMBILLA, Ana Maria. **Comunicação e estar-junto: tendência à interação.** Disponível em <<http://ensino.univates.br/~clenz/tcc/maffesoli.pdf>>. Acesso em 28 de mar. e 2012

BRUNO, Fernanda. **A obscenidade do cotidiano e a cena comunicacional contemporânea.** In: Revista Famecos. Porto Alegre, nº 25, dezembro de 2004. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3280/2539>>. Acesso em 27 de mar. 2012

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.



MORAIS, Tito de. **Cyberbullying vem crescendo**. Disponível em <<http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-04-04.html>>. Acesso em: 28 jun. de 2009

NOVO, Cristina. **Bullying e as tecnologias da comunicação: do uso ao abuso**. In: Interações, n. 13, p. 327 (2009). Disponível em <<http://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/361>>. Acesso em 01 de abr. 2012

PINHEIRO, Luzia de Oliveira. **Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica**. (Tese de Mestrado). Universidade do Minho: Braga. Disponível em <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>>. Acesso em 28 de mar. 2012.

RIBEIRO, Karla Rangel; *et al.* **Bullying e cyberbullying: estudo bibliométrico quantitativo e temporal das publicações nacionais e internacionais**. In: 1º Congresso Mundial de Comunicação Ibero-americana. São Paulo, Confibercom, 2011. Disponível em <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/100.pdf>>. Acesso em 28 de mar. 2012

SILVA, Sandra Silveira da. **A modernidade e a pós-modernidade: uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens**. In: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 29, agosto de 2011. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SandraRes.pdf>>. Acesso em 4 de abr. de 2012

SANTOS, Hermílio. **Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, n. 26, abril de 2005. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/418>>. Acesso em 28 de mar. 2012

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

VARELA, Luis Gustavo; *et al.* **Cyberbullying: o despertar para uma nova violência**. In: Mostra Científica e Tecnológica do Instituto Federal Catarinense. Araquari, MCT, 2009. Disponível em <<http://ifc-araquari.edu.br/1/mct/2009/informatica/cyberbullying.pdf>>. Acesso em 20 de mar. 2012

VENTURA, Pedro Miguel de Barros. **Incidência e impacto do cyberbullying nos alunos do terceiro ciclo do ensino básico português**. In: Tese de Doutorado. Editorial de la Universidad de Granada, 2011. Disponível em <<http://hera.ugr.es/tesisugr/20058068.pdf>>. Acesso em 28 de mar. 2012.